

LIMINAR

A DIFÍCIL DEFINIÇÃO

Olga Borelli

Muitas pessoas conheciam Clarice através de seus livros, mas ela por sua vez, só podia tomar conhecimento da existência delas quando era procurada. E eu a procurei. Foi assim.

Havia acabado de ler *A Paixão Segundo G.H.* e me decidi a conhecê-la pessoalmente. Procurei o número de seu telefone no catálogo, e marcamos um encontro para o dia seguinte.

E ali estava ela, sorrindo com ar levemente cansado, talvez um pouco triste. Seu porte tinha algo da humildade de uma camponesa mesclada à altivez de uma rainha.

Falamos de tudo, principalmente de mim. Quando, em dado momento, me atrevi a perguntar alguma coisa sobre seus livros e personagens, seus olhos se inquietaram e, levantando-se bruscamente, perguntou se eu queria tomar café.

Depois, contou-me sobre sua vida, seus filhos, seu passado.

Dois dias depois, ela telefonou e pediu-me que fosse vê-la. Nosso encontro foi caloroso. Fazendo-me sentar, entregou-me um papel datilografado:

“11-12-70. Olga, datilografo esta carta porque minha letra anda péssima.

“Eu achei, sim, uma nova amiga. Mas você sae perdendo. Sou uma pessoa insegura, indecisa, sem rumo na vida, sem leme para me guiar: na verdade não sei o que fazer comigo. Sou uma pessoa muito medrosa. Tenho problemas reais gravíssimos que depois lhe contarei. E outros problemas, esses de personalidade. Você me quer como amiga mesmo assim?”

“Se quer, não me diga que não lhe avisei. Não tenho qualidades, só tenho fragilidades. Mas às vezes (não repare na acentuação, quem acentua para mim é o tipógrafo) mas às vezes tenho esperança. A passagem da vida para a morte me assusta: é igual como passar do ódio que tem um objetivo e é limitado, para o amor que é ilimitado. Quando eu morrer (modo de dizer) espero que você esteja perto. Você me pareceu uma pessoa de enorme sensibilidade, mas forte.

“Você foi o meu melhor presente de aniversário. Porque no dia 10 quinta-feira, era meu aniversário e ganhei de você o Menino Jesus que parece uma criança alegre brincando no seu berço tosco. Apesar de, sem você saber, ter me dado um presente de aniversário, continuo achando que o meu presente de aniversário foi você mesma aparecer, numa hora difícil, de grande solidão.

“Precisamos conversar. Acontece que eu achava que nada mais tinha jeito. Então vi um anúncio de uma água de colônia da Coty, chamada Imprevisto. O perfume é barato. Mas me serviu para me lembrar que o inesperado bom também acontece. E sempre que estou desanimada, ponho em mim o Imprevisto. Me dá sorte. Você, por exemplo, não era prevista. E eu imprevisivelmente aceitei a tarde de autógrafos. Sua, Clarice.”

Logo descobri os traços mais dominantes de sua personalidade. Os mais fortes eram a inquietação, a consciência reflexiva, o impulso do dizer expressivo, o descortínio silencioso das coisas. Nos anos de convivência com ela, confirmei, infalivelmente, a impressão inicial de que teria uma amiga cheia de surpresas.

Defini-la, é difícil. Contra a noção de mito, de intelectual, coloco a minha visão de Clarice: ela era a dona-de-casa que escrevia romances e contos. Embora desempenhasse as funções de dona-de-casa admiravelmente — havia uma organização metódica nos afazeres domésticos que se repetiam na mesma seqüência durante sete dias consecutivos — ficava fatigada e impaciente por ter de exercê-los. Mas nunca se negou a executá-los. Muitas vezes caía em tão profundo abatimento que se refugiava num hotel a fim de quebrar a rotina:

“Olga, Senti necessidade de maior concentração e de isolamento, longe do telefone, necessidade de ‘ir embora’ e sozinha. De modo que estou no Hotel Continental, onde ficarei até sábado, ao meio dia. Se eu descansar logo, interrompo a estada e volto antes para casa. Até sábado! Abraços da Clarice.”

Era uma pessoa de grande integridade e intensidade. Sempre procurou de alguma maneira solidarizar-se ou compreender profundamente o sofrimento do outro, o que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava.

Profundamente feminina. Bem cuidada no vestir, vaidosa, porém sem sofisticação. Indiscutivelmente era uma mulher interessante, de

traços nobres, *belíssima e inatingível*. Achava-se preguiçosa e impaciente. *Irriquietíssima*. Mas foi muito paciente com os filhos, com os amigos, sobretudo para escrever. Sempre conservou o mesmo temperamento meditativo e concentrado. Calada, esquiva, dizia “que só entendia e só podia ser entendida telepaticamente.”

A popularidade sempre a afetou muito. Desagradava-se da *bajulação, crítica, entrevistas, enfim tudo que a expusesse ao público*. Sempre que isso acontecia, evitava cuidadosamente encontrar qualquer pessoa e ficava sem escrever por longo tempo. Era *imprevisível e intuitiva*, isto é, sentia mais do que pensava, mas tinha muita segurança no que desejava. Pensar para ela, era sem esforço. Difícil era obter o silêncio. O não pensar só era conseguido no sono e sempre com muita dificuldade. Tinha grande dificuldade para dormir, e inúmeras madrugadas telefonava para os amigos, para se dizer angustiada e tensa.

Criar os filhos e escrever eram atividades centrais da vida de Clarice e ela temia perdê-los. Assim, dizia que, quando seus filhos já crescidos, seguissem seu destino, deixando-a sozinha e escrevesse por só acontecer através da *inspiração, que é efêmera e que a poderia um dia abandonar, ainda lhe restaria amar, pois amar sempre podia, até a hora da morte*.

“Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos. O amar os outros é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”.

“... Estou me cuidando muito. Procurando não viver na base do emocional. Faça o mesmo, assim se tem paz. Estou escrevendo às 2 da madrugada, mas em plena forma. Já fiz até os exercícios. Tenho Olga, que arranjar outra forma de escrever. Bem perto da verdade, (qual?), mas não pessoal. Meu Deus do Céu, não tenho nada a dizer. O som de minha máquina é macio. Que é que eu posso escrever; como recomeçar a anotar frases?”

“... Não pode te esperar: estava morrendo de cansaço, porque estou trabalhando ininterruptamente desde as cinco da manhã. Infelizmente eu é que tenho que fazer a cópia de *Atrás do Pensamento*, sempre fiz a última cópia dos meus livros anteriores porque cada vez que copio vou modificando, acrescentando, mexendo neles enfim.”

Clarice escrevia simplesmente. Como quem vive. Por isso todas as vezes que foi tentada a deixar de escrever, não conseguiu. Dizia: “Não tenho vocação para o suicídio”.

Nunca escreveu para desabafar ou como catarse. Para isso, dizia ela, tenho os amigos.

Quando escreveu A Paixão Segundo G.H., estava numa situação muito difícil da sua vida, tanto no plano familiar quanto sentimental. O livro, porém, não reflete nada sobre esse momento de crise. A inspiração era algo muito especial e que nem sempre a visitava. Em certa época passou oito anos sem conseguir produzir uma única linha para, de repente, escrever de um só fôlego A Paixão Segundo G.H.

Quando escrevia não pensava num possível leitor e nem mesmo em si: “é a coisa o que importa.”

Nos últimos anos de vida, seus escritos diminuam em extensão e ela dizia que tinha aprendido que a coragem é falar menos, embora fosse muito difícil falar pouco.

Ela vivia num atualismo místico, Deus era a sua mais íntima possibilidade. Pelo conhecimento que dela tive notei que sua ação na vida sempre correspondia a uma busca. Em suas conversas sempre surgia o questionamento do sentido da vida, Deus, morte, matéria, espírito.

Não há possibilidade de se chegar a uma precisa conclusão sobre suas crenças religiosas — a dúvida aflora sempre no limiar de sua conversão — mas, sim, ao seu itinerário espiritual, claro e positivo, em quase toda a sua obra. As confissões, as contradições, o contínuo recorrer ao tema, fizeram com que algumas pessoas e críticos a considerassem como uma grande mística de nossa época.

Sentia-se gratificada quando alguém a entendia, mas não escrevia para ser aplaudida. Dizia não ter nenhum compromisso com o sucesso, não escrevia para agradar ninguém. Explicava não querer transmitir nenhuma mensagem e detestava discutir sua obra com os especialistas.

“Eu não entendo o que eles falam, mas lamento esse falso vanguardismo, cheio de modismos, frio, calculista, pouco humano. A melhor crítica é aquela que entra em contato com a obra do autor quase telepaticamente.”

“A palavra tem o seu terrível limite. Além desse limite é o caos orgânico. Depois do final da palavra começa o grande uivo eterno. Mas para algumas pessoas escolhidas pelo acaso — depois da possibilidade da palavra vem a voz de uma música, a música que diz o que eu simplesmente não posso aguentar.”